

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

#### **OS SENTIDOS CONSTRUÍDOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE POR INTEGRANTES DE DIFERENTES GRUPOS DE CONVERSSÕES PÚBLICAS**

Gabriela Silva de Jesus (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Tainá Travain Calicchio (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Prof. Dr. Murilo Moscheta (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: gabrielajesus.gj@gmail.com

Palavras-chave: Construcionismo social. Identidade. Homossexualidade.

No modelo de ciência moderna ocidental, é comum que análises e teorizações sejam elaboradas como tentativas de resolver uma questão formulada em termos de um problema. Mas o que faz de algo um problema? Para responder a essa questão é importante perceber que qualquer questionamento se faz a partir de uma norma, que define um campo como livre de questionamentos (o normal) enquanto problematiza outro. Assim, quando algo precisa ser explicado, ao mesmo tempo e em oposição, outro algo é absolvido da necessidade de qualquer esclarecimento. O mesmo acontece com as diversas teorizações elaboradas para explicar o que é a homossexualidade e como alguém se torna homossexual. Pode-se dizer que quanto mais se busca explicar a homossexualidade menos se interroga a heterossexualidade – quanto mais intrigante e anormal uma parecer, mais naturalizada e inquestionável a outra será. Trata-se de um sistema binário que ao afirmar a existência do homossexual e exigir explicações imediatas e identificadoras de sua totalidade, marca outra forma de relação como “oposta e normal” (LOURO, 2004).

Essa classificação dualista prescreve as vivências e classifica como anormal todas as possibilidades que não se restrinjam a heterossexualidade, assim, a sexualidade diversa e múltipla é obscurecida pela prática higienista que persiste ainda nos dias atuais, de forma mais velada, nos discursos de amor a família tradicional e manutenção da humanidade. Por traz destes discursos, prescreve-se uma sexualidade heterossexual e restrita ao âmbito familiar. Trata-se de um discurso de poder que sustenta e ao mesmo tempo é sustentado por instituições, com o objetivo de controlar os corpos e prescrever-lhes ações que devem ser assumidas e em contrapartida também as que devem ser rechaçadas e subjulgadas, sob pena de exclusão social pelos títulos de doente, pervertido e degenerado (FOUCAULT, 1988). Isso mostra que desde o final do século XIX até a atualidade, “A homossexualidade continua

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

sendo tratada, na prática, como uma indigesta mistura de pecado, sem-vergonhice e doença” (FRY; MACRAE 1983, p. 117-128).

Essa produção discursiva científica acerca da homossexualidade como patológica, produziu na primeira metade do século XX, um conjunto de conhecimentos e de estratégias de intervenção que tinham como objetivo explicar e tratar uma possibilidade de expressão sexual caracterizada como problemática. Somente a partir da década de 50 é que o discurso científico começará a empreender mudanças neste modo de abordar a sexualidade, sobretudo a partir do relatório Kinsey que caracterizou a sexualidade humana como algo bem diferente daquilo que a moralidade norte-americana gostava de acreditar na época. Posteriormente, os movimentos de militância começaram a se organizar e formaram uma força que reagia ao discurso patologizante e segregatório contra a homossexualidade.

Assim, em 1973, a Associação Norte Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade como critério de diagnóstico para doenças mentais e, a maioria dos governos ocidentais despatologizaram a identidade da população LGBT<sup>1</sup>, fazendo com que surgisse uma nova expressão cultural destes indivíduos.

Por isso, surgiu a necessidade de uma teoria mais ampla, capaz de abarcar a multiplicidade e fluidez das identidades, sejam elas sexuais, de gênero, étnicas ou de classe, e nessa perspectiva, surge na década de 90 a Teoria *Queer*, colocando-se em oposição à heteronormatividade e também a ideia de identidades fixas, como fenômenos a-históricos e universais, questionando, problematizando e contestando o que está posto como normas e binarismos.

Contudo, é interessante ressaltar que apesar de ser um discurso atual, a Teoria *Queer* não é hegemônica ou única para tratar da sexualidade na atualidade. Muitos discursos identitários ainda tratam a escolha do objeto sexual como central e definidora de quem é o sujeito sob uma perspectiva imutável, universal e binária. E em decorrência disso vêm-se diversos significados para se identificar o homossexual em discursos diferentes que interferem diretamente na expressão sexual. Alguns grupos defendem e lutam pelos direitos da população LGBT, entretanto há aqueles que por considerarem essa orientação como contrária à natureza ou ao que é “certo” explicam que não se pode permitir que tenham uma vida em completude.

---

<sup>1</sup> LGBT: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Esta caracterização possibilita a abertura para contextos de violência e discriminação, contrariando a imagem do Brasil como um país permissivo em relação à sexualidade, pelas diversas situações de injustiça, desrespeito, desigualdade e violência contra homossexuais, ocorridas nas mais diversas situações sociais, seja em um estádio de futebol ou em universidades (SIMÕES & FACCHINI, 2009). Trata-se da homofobia, ou seja, da rejeição ou aversão ao homossexual manifesta de várias formas, sendo que a expressão mais violenta é denominada de *crime de ódio*, caracterizado por espancamentos e, muitas vezes resultando em mortes, como no caso do assassinato de Edson Néris, em 2001, que foi atacado por um grupo ao caminhar com seu namorado pela Praça da República de São Paulo (SIMÕES; FACCHINI 2009).

Para traçar um panorama dos casos de homofobia e também como uma estratégia de combate à homofobia, no ano de 2003, no Rio de Janeiro, as entidades do movimento LGBT em parceria com o CLAM (Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes) aplicaram durante as Paradas do Orgulho LGBT questionários sobre vitimização. Estratégia que foi adotada nos anos seguintes por Porto Alegre, São Paulo e Recife. Os dados dessas pesquisas, entre os anos de 2003 e 2006, são alarmantes. De 56% a 70% dos entrevistados relataram ter sido vítima de discriminação em razão de sua sexualidade. E entre 58% e 65% relataram ter sofrido agressões. Chama-se atenção para o fato de que a violência contra mulheres homossexuais geralmente ocorre no ambiente doméstico ou na vizinhança, em contrapartida, homens homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais são mais agredidos em locais públicos. Tais pesquisas ajudaram a mostrar a multiplicidade de situações relatadas como discriminação e também que a maioria das vítimas dessas agressões mantém relações com os agressores e/ou discriminadores em estreita proximidade (SIMÕES; FACCHINI 2009).

Diante desse cenário, este projeto tem o objetivo de identificar os sentidos construídos pelos participantes de um grupo de Conversações Públicas acerca do que é ser homossexual e compreender de que modo estes sentidos se articulam com a forma como estes participantes se posicionam em relação à violência contra a população homossexual. Para atingir esse objetivo propõe-se identificar os diferentes discursos que são acionados pelos integrantes do grupo para produzir sentido sobre o que é ser homossexual, problematizar como estes discursos circunscrevem possibilidades de compreensão e ação em relação à homofobia e

### III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

identificar e discutir possibilidades discursivas que favoreçam ações que diminuam a violência e discriminação contra a população LGBT.

Para tanto, serão realizados três encontros em Maringá, com o objetivo de desenvolver estratégias educativas para profissionais de saúde e representantes de associações LGBT interessados em modificar o cenário de violência contra essa população. Os encontros serão organizados de modo a promover um diálogo acerca do tema no qual os participantes possam entender quais são os aspectos-chaves relacionados à homofobia e para que possam pensar estratégias de transformação a partir de seus locais de trabalho e influência.

Os encontros serão audio-gravados e posteriormente transcritos na íntegra e literalmente. A análise das transcrições será realizada baseada nos pressupostos teóricos do construcionismo social que toma a comunicação como uma prática discursiva. Assim, serão identificados os repertórios interpretativos utilizados pelos participantes para fazer referência à homossexualidade. Após a identificação dos repertórios interpretativos, será realizada a discussão das implicações desses repertórios na construção de possibilidades de enfrentamento da violência contra a população LGBT.

Assim, o projeto justifica-se pela possibilidade de identificar os sentidos construídos a partir da história dos discursos empreendidos como uma forma de reconhecer as linhas de força históricas que ajudam na construção de certa noção de identidade homossexual e suas consequências. Contribuindo para saber quais as possibilidades discursivas que seriam mais favoráveis a produção de formas de relação menos discriminatórias e violentas. Por fim, a construção de formas alternativas de entendimento dos sentidos produzidos justifica a utilização da metodologia do Projeto de Conversações Públicas na pesquisa de fenômenos sociais como a homofobia (SOUZA, 2011).

#### Referências

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Primeiros Passos).

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer***. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

SIMÕES, Júlio Assis.; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris:** Do movimento homossexual ao LGBT. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Laura Vilela. et al. **Conversações públicas:** novos paradigmas para transformações sócias(Projeto Fapemig). Universidade Estadual de Maringá, e Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Paraná e Minas Gerais, 2011.